



Comunicação e migrações transnacionais – o Brasil (re)significado em redes migratórias de haitianos

Denise Cogo

Resumo: O texto reflete sobre as relações entre comunicação e imigração haitiana a partir da análise das (re)significações do Brasil como nação e como país de imigração produzidas por imigrantes haitianos no contexto brasileiro. Focalizamos como, nas interações em redes da diáspora haitiana, os imigrantes produzem (re)significações sobre os universos do trabalho e das relações raciais no novo contexto de imigração, especialmente a partir dos usos que fazem das tecnologias da comunicação, como a internet. Ao mesmo tempo, refletimos como os haitianos geram fluxos próprios de narrativas em espaços comunicacionais da internet para enunciar suas experiências migratórias no Brasil, relacionadas às suas sociabilidades e às dinâmicas de enfrentamento das políticas migratórias brasileiras. A partir do campo conceitual da comunicação, cultura, migrações e redes sociais, a metodologia da pesquisa abrange pesquisa bibliográfica e documental, realização de entrevistas em profundidade com haitianos e observação de iniciativas e eventos sobre migração no Brasil.

Palavras-chave: Comunicação. Migração transnacional. Haitianos. Redes. Tecnologias.

Abstract: **Communication and transnational migration - the Brazil (re) meaning in migratory networks of Haitians.** This paper deals with the relation between communication and Haitian immigration based on the analysis of the (new) significance of Brazil as a nation and as a country of immigration produced by Haitian immigrants within a Brazilian context. We shall focus on how, in interactions among networks of Haitian diaspora, immigrants generate (new) significance regarding the world of work and racial relationships within the new context of immigration, especially considering the use made of communication technologies, like the Internet. At the same time, we reflect on how Haitians generate their own narrative flows in communication spaces on the Internet to explain their migratory experiences in Brazil related to sociality and the dynamics of facing Brazilian migratory policies. Using the conceptual field of communication, culture, migration and social networks, the research methodology encompasses bibliographical and document research, extensive interviews with Haitians and the observation of initiatives and events regarding migration in Brazil.

Keywords: Communication. Transnational migration. Haitians. Networks. Technologies.

Introdução

Esse artigo¹ apresenta e discute resultados parciais do projeto de pesquisa “Haitianos no Brasil: usos de mídias e cidadania em redes migratórias transnacionais”, em desenvolvimento desde março de 2013². No contexto de emergência e crescimento da imigração haitiana para o Brasil, a partir de 2010, e da intensificação de fluxos midiáticos que enunciam a presença desses novos imigrantes, propomos analisar as (re)significações do Brasil como nação e como país de imigração, produzidas no contexto das redes migratórias de haitianos, especialmente a partir dos usos das tecnologias da comunicação, como a internet. Focalizamos, como nas interações em redes da diáspora haitiana, os imigrantes haitianos produzem (re)significações sobre os universos do trabalho e das relações raciais no novo contexto de imigração.

Ao mesmo tempo, refletimos como os haitianos geram fluxos próprios de narrativas em espaços comunicacionais da internet para enunciarem suas experiências migratórias no Brasil, relacionados às suas sociabilidades e dinâmicas de enfrentamento das políticas migratórias brasileiras. A metodologia da pesquisa, abrange pesquisa bibliográfica e documental, da realização de entrevistas em profundidade com haitianos e da observação de iniciativas e eventos sobre migração no Brasil (GUBER, 2004, WINKIN, 1998)³.

¹ Uma versão inicial desse artigo foi publicada em COGO, Denise. Haitianos no Brasil – comunicação e interação em redes migratórias transnacionais. **Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación**. Quito, n. 25, p. p. 23-32, marzo 2014. Disponível em: <<http://www.revistachasqui.com/index.php/chasqui>>. Acesso em: 30 nov. 2014

² A pesquisa é desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo, e conta com o apoio do CNPq através da concessão de bolsa de Produtividade em Pesquisa e recursos do Edital Ciências Humanas e Sociais. Participam do projeto o mestrando Hadriel Theodoro (PPGCOM-ESPM-SP), as doutorandas Natália Ledur Alles (PPGCOM Unisinos) e Daiani Ludmila Barth (PPGCOM UNB), e a pesquisadora associada Letícia Rossi Martines.

³ Dentre os quais, estão as reuniões periódicas do Fórum Permanente da Mobilidade Humana e do Comitê de Atenção para Migrantes, Refugiados, Apátridas e Vítimas de Tráfico de Pessoas do Rio Grande do Sul, o evento Colóquio de Debate sobre Direitos Humanos na Política Migratória Brasileira, realizado em Foz do Iguaçu, em de maio de 2013, a I Conferência Nacional sobre Migração e Refúgio (Comigrar), realizada em São Paulo, em maio de 2014, e o Seminário Vozes e Olhares Cruzados 3 - Trabalho entre sonho e realidade, realizado em novembro de 2014, na Missão Paz, em São Paulo.



Haitianos no mundo: o Brasil como destino migratório

Antiga colônia francesa e primeira República negra do mundo, o Haiti está localizado na América Central e possui uma população de mais de 10 milhões de habitantes. A exportação de açúcar, café e cacau permitiu que, durante o século XVIII, a região fosse a mais próspera colônia francesa da América. O Haiti foi, ainda, o primeiro país do mundo a abolir a escravidão, após uma revolta de escravos ocorrida em 1793, e o segundo país das Américas a se tornar independente, no ano de 1804. A esse respeito, Galeano (2004, p. 2) recorda as repercussões históricas, para o povo haitiano, desse posicionamento geopolítico de busca e afirmação de autonomia nacional.

Los negros alzados vencieron a Francia y conquistaron la independencia *nacional* y la liberación de los esclavos. En 1804, heredaron una tierra arrasada por las devastadoras plantaciones de caña de azúcar y un país quemado por la guerra feroz. Y heredaron “la deuda francesa”. Francia cobró cara la humillación infligida a Napoleón Bonaparte. A poco de nacer, Haití tuvo que comprometerse a pagar una indemnización gigantesca, por el daño que había hecho liberándose. Esa expiación del pecado de la libertad le costó 150 millones de francos oro. El nuevo país nació estrangulado por esa soga atada al pescuezo: una fortuna que actualmente equivaldría a 21,700 millones de dólares o a 44 presupuestos totales del Haití de nuestros días. Mucho más de un siglo llevó el pago de la deuda, que los intereses de usura iban multiplicando. En 1938 se cumplió, por fin, la redención final. Para entonces, ya Haití pertenecía a los bancos de los Estados Unidos.

Marcada por governos ditatoriais, golpes de estado e por uma guerra civil que durou vários anos, a população do Haiti vem atravessando, nas últimas décadas, sérias dificuldades socioeconômicas e políticas⁴. Além disso, o povo haitiano ficou ainda mais debilitado depois de enfrentar o último terremoto que atingiu o país em 12 de janeiro de 2010 e que afetou três milhões de pessoas, provocando cerca 200 mil mortes e deixando aproximadamente 1,5 milhões de desabrigados⁵.

A diáspora haitiana, que se intensificou após o terremoto de 2012, é, em realidade, secular. Estima-se que um milhão e meio de haitianos, aproximadamente 15% da população do Haiti, residem, atualmente, no exterior. As primeiras migrações haitianas de grande

⁴ Podemos mencionar aqui as políticas repressivas de François e Jean-Claude Duvalier (Papa Doc e Baby Doc) e a ação violenta dos paramilitares “tontons macoutes” (DANTICAT, 2010; TÉLÉMAQUE, 2012).

⁵ Terremoto de magnitude 7,0 na escala Richter. Ver, dentre outros, <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-antteriores/33046-%60%60o-haiti-e-mais-uma-das-grandes-tragedias-esquecidas%60%60>.

amplitude coincidem com a ocupação militar do Haiti pelos Estados Unidos, entre 1915 e 1934. O crescimento da mobilidade de haitianos para diferentes nações não pode ser dissociado da conjuntura geopolítica intervencionista de penetração de interesses econômicos estadunidenses no Caribe, no início do século XX. Soma-se a isso, condições econômicas e políticas anteriores que, durante os séculos XVIII e XIX, também contribuíram para impulsionar fluxos migratórios de haitianos, a partir da implantação de um sistema econômico de plantação de cana e de café que, às custas da exploração da força de trabalho e dos recursos naturais, visou à obtenção de rentabilidade máxima a curto prazo (AUDEBERT, 2011).

No entanto, a clandestinidade como uma das condições das diásporas contemporâneas e a heterogeneidade das fontes estatísticas dos países de instalação dos imigrantes têm dificultado a avaliação sobre a presença haitiana no mundo. Através da recompilação de distintas fontes oficiais, como recenseamentos e dados consulares, Audebert (2011, p. 6) identifica o Caribe, a América do Norte e a Europa Ocidental como os três maiores polos geográficos da imigração haitiana. No início do século XXI, cerca de meio milhão de haitianos migraram para a República Dominicana, 530 mil estavam oficialmente recenseados nos Estados Unidos, e 50 mil, no Canadá. Os 20 mil haitianos recenseados na Europa residem quase exclusivamente na França. Há também expressivas comunidades de imigrantes do Haiti em Paris, Havana, Kingston e Cidade do México.

O Brasil torna-se um destino migratório de haitianos principalmente após o terremoto que atingiu o Haiti, no ano de 2010. Estimativas produzidas por diferentes instituições vinculadas ao universo das migrações têm buscado identificar e atualizar numericamente essa presença haitiana no país⁶. Dados divulgados em abril de 2014, por Rosita Milesi, diretora do Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH), apontam para a presença de aproximadamente 30 mil imigrantes haitianos no Brasil⁷, dos quais pelo menos 21 mil conseguiram regularização no país através de vistos humanitários, modalidade criada pelo governo federal especificamente para a imigração haitiana. Informações divulgadas pela Polícia Federal e publicadas pelo Blog da Amazônia indicam que, até setembro de 2014, 39

⁶ Embora o terremoto não possa ser visto como a única causa do fluxo migratório de haitianos para o Brasil, conforme abordaremos mais adiante nesse texto.

⁷ Os dados foram divulgados durante o lançamento do filme “Por um punhado de dólares, os novos emigrados”, de Leonardo Dourado, no Festival de Documentários É tudo Verdade, no Cine da Livraria Cultura, em São Paulo, em 8 de abril de 2014.

mil imigrantes do Haiti haviam ingressado no país.⁸ Matéria publicada pelo Jornal O Globo afirma que, no último mês de novembro⁹, o Brasil contava com 40 mil haitianos, cerca de 80% deles são economicamente ativos¹⁰.

Estudo realizado pelo Observatório das Migrações Internacionais, sediado em Brasília, revela que, dentre os imigrantes internacionais, os haitianos são, em termos quantitativos, a principal nacionalidade com presença no mercado de trabalho formal brasileiro. O mesmo estudo indica que, entre os anos 2011 e 2013, o número de imigrantes internacionais no mercado formal cresceu 50,9% ao mesmo tempo que a população de haitianos que ocupava esse mercado cresceu aproximadamente 18 vezes, superando a presença de imigrantes portugueses. Em 2011, foram contabilizados um total de 814 trabalhadores haitianos no mercado formal brasileiro, ao passo que, no ano de 2013, esses mesmos trabalhadores totalizavam 14.579 (CAVALCANTI; OLIVEIRA; TONHATI, 2014).

O ingresso de haitianos no Brasil tem sido feito através de rotas que incluem o deslocamento aéreo da República Dominicana ou de Porto Príncipe para o Equador e, em alguns casos, por via terrestre pelo Peru. Esse trajeto é seguido de um percurso, também terrestre, até as cidades de Brasiléia e Assis Brasil (no estado do Acre) ou Tabatinga (no estado do Amazonas), três cidades situadas na região norte do Brasil. Em alguns casos, os imigrantes chegam também pela cidade de Corumbá, situada no estado do Mato Grosso do Sul.

O trajeto até o Brasil dura cerca de 15 dias, podendo levar até um mês, segundo destaca reportagem publicada pela revista Labor (XIMENES; ALMEIDA, 2014)¹¹, onde é

⁸ Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/blogdaamazonia/blog/2014/11/19/haitianos-sao-maioria-entreimigrantes-no-mercado-de-trabalho-formal-no-brasil-2/>>.

⁹ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/em-20-anos-remessa-de-dinheiro-de-trabalhadores-estrangeiros-ao-exterior-aumentou-10-vezes-13749063>>.

¹⁰ Vale lembrar que não há uma produção regular de indicadores, por parte do governo brasileiro, sobre a presença de imigrantes internacionais no Brasil, incluindo a dos haitianos. Assim, esses indicadores podem variar conforme a fonte consultada, além de estarem em constante alteração e não incluírem os imigrantes que não contam com regularização jurídica. No caso da imigração haitiana, isso se acentua tendo em vista que, desde 2010, a entrada de haitianos no país tem sido crescente e constante.

¹¹ A mesma reportagem ressalta, a partir de entrevista concedida pela pesquisadora Leticia Mamede, da Universidade Federal do Acre, que “até 2013, os imigrantes utilizavam uma rota configurada pela cidade de Tabatinga (AM), região de fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia, mas ao chegarem nessa cidade, não contavam com nenhuma estrutura de apoio local e precisavam seguir de barco para a capital Manaus, em uma viagem de quase cinco dias pela Bacia Amazônica. Aos poucos, as dificuldades encontradas foram tornando o fluxo por esse caminho inconstante e hoje ele está praticamente inviabilizado. Assim, a principal rota de acesso ao Brasil se dá pela Rodovia Interoceânica até o Acre, deslocamento que envolve uma série de redes ilegais de informantes e coiotes” (XIMENES; ALMEIDA, 2014, p. 31).

mencionada também a predominância entre os imigrantes que chegam ao Brasil, de homens jovens na faixa etária dos 25 aos 34 anos. Embora, a partir de 2013, comece a se observar também um aumento do número de mulheres, crianças e idosos que migram do Haiti para o país.¹² Em alguns casos, a chegada de imigrantes haitianos se dá também por aeroportos de grandes cidades brasileiras, como São Paulo.

As escolhas das rotas de ingresso no Brasil estão condicionadas por variáveis como as facilidades e custos de transporte, as possibilidades efetivas de entrar no país, assim como os interesses e estratégias traçadas pelos chamados “coiotes”¹³. Evidência que aparece em entrevistas concedidas por haitianos a meios de comunicação brasileiros¹⁴ e que é reconhecida publicamente pelo governo brasileiro ao informar, em abril de 2014, a promoção de uma campanha no Haiti para a emissão de vistos no país de origem, a fim de coibir as atividades dos “coiotes” na migração de haitianos para o país¹⁵. Essa atuação dos “coiotes” na fronteira do Acre é mencionada, ainda, por haitianos entrevistados na pesquisa que dá origem a esse artigo¹⁶.

Vê, falar para um haitiano vir pro Brasil não é uma coisa fácil. Para chegar até aqui, chegar no Acre, tem uns haitianos que gastam quase 5 mil dólares. Eu gastei 2 mil dólares, meu irmão gastou quase 5 mil dólares. Eu pagava. Sabe quando uma pessoa não sabe nada de um lugar, eu paguei 300 dólares para levar-nos até Iñapari, uma cidade que fica perto da fronteira. Sim, mas eu acho que era escondido, né? Sabe né, depois quando a Polícia Federal sabe, foi atrás dessas pessoas, mas infelizmente [...] eu não falei nada. (Haitiano, 27 anos, empregado em fábrica de Usinagem, Zincagem e Fundição, entrevistado em Feliz-RS)

[...] Ah, é que na época era só, não sei se é o certo, comprar as passagens, pra vir sem visto, nada. Então Tabatinga que é um ponto lá onde os haitianos entraram na época, e a gente fica lá até conseguir o protocolo. O processo foi assim, a gente saindo passou Panamá, Peru até chegar em Tabatinga A dificuldade que eu tive é a

¹² Sobre o perfil dos haitianos, ver, ainda, a síntese do estudo realizado por pesquisadores da PUC-Minas. Disponível em: <<http://brasil.blogfolha.uol.com.br/2014/05/19/conheca-o-perfil-e-a-motivacao-dos-haitianos-que-entram-no-brasil/>>.

¹³ Pessoas ou grupos que cobram para introduzir, de modo “ilegal”, migrantes nas fronteiras entre países.

¹⁴ O técnico de informática, Schaeck Flis, de 32 anos, afirmou, em entrevista ao Portal Deutsche Welle –Brasil, que pagou 2 mil dólares para obter o visto humanitário na cidade de Porto Príncipe, no Haiti, destacando ainda a existência de muita corrupção para conseguir o documento. Ver <http://www.dw.de/no-centro-de-disputa-pol%C3%ADtica-haitianos-vivem-incerteza-em-s%C3%A3o-paulo/a-17603711>

¹⁵ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/04/1447746-governo-brasileiro-vai-fazer-campanha-no-haiti-para-emissao-de-visto.shtml>>.

¹⁶ A esse respeito, também a reportagem da revista Labor enfatiza que “a saída de cada haitiano de sua terra natal demanda um tremendo esforço financeiro da família. Para as despesas da viagem, que custam até US\$ 5 mil, é comum a prática de tomar empréstimos de agiotas” (XIMENES; ALMEIDA, 2014, p. 31).

exploração, porque como a gente tá ilegalmente, clandestino, pessoas aproveitam pra fazer dinheiro, pedir dinheiro que não precisava. Então a dificuldade que a gente encontrou era isso, gastar o dinheiro sem necessidade. (Haitiano, 25 anos, estudante e recepcionista de um Centro de Referência e Assistência Social, entrevistado em Lajeado-RS)

Na chegada ao Brasil, os imigrantes haitianos que não obtiveram anteriormente o visto no Haiti se dirigem à cidade de Epitaciolândia, ao lado de Brasília, para solicitação formal de refúgio no Brasil, em um posto da Polícia Federal.¹⁷ A maioria dos haitianos não permanecem no Acre, mas se deslocam para outros estados, principalmente os do Centro Sul - como São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás e Mato Grosso - para trabalharem em atividades dos setores agropecuário (indústria de carne), metalúrgico, têxtil, hoteleiro, da construção civil e de serviços de limpeza (XIMENES; ALMEIDA, 2014).

Os movimentos migratórios de haitianos para o Brasil não podem, contudo, ser compreendidos como decorrência unicamente do terremoto que atingiu o país e que agravou as já precárias condições de sobrevivência de grande parte do povo haitiano. Estudo realizado entre 2013 e 2014, pelo Grupo de Pesquisa Mundos do Trabalho na Amazônia, ligado à Universidade Federal do Acre (Ufac), aponta para a combinação de fatores específicos do contexto haitiano como impulsionadores dos atuais fluxos migratórios para o Brasil. A reestruturação produtiva, a globalização da economia, a precarização e a desigualdade potencializaram os desdobramentos do terremoto, contribuindo para o aprofundamento de epidemias, desemprego, miséria e fome, segundo a análise proposta no estudo (XIMENES; ALMEIDA, 2014, p. 31).

As migrações Haiti-Brasil constituem-se, ainda, em um movimento migratório que se insere no contexto dos novos fluxos, configurações e direções que vêm assumindo, nas últimas décadas, as migrações internacionais, no qual o Brasil, sobretudo a partir de 2008, passa a ocupar um específico posicionamento como país receptor de imigrantes.

Pesquisadores como Blanco (2006) vêm apontando para um aprofundamento da diversidade e complexidade dos movimentos migratórios contemporâneos nas últimas duas

¹⁷ O Estatuto dos Refugiados (Lei 9.474/1997) estabelece que, a partir do pedido de refúgio à Polícia Federal, os imigrantes são autorizados a fixar residência até a decisão final do processo, a cargo do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), órgão vinculado ao Ministério da Justiça. No caso dos haitianos, essa regularização provisória garante o encaminhamento da solicitação e espera pela homologação de vistos humanitários (XIMENES; ALMEIDA, 2014, p. 31).

décadas¹⁸, através, dentre outros, de uma ampliação dos países envolvidos nas redes migratórias; uma maior diversidade de grupos étnicos e culturais que compõem essas redes; um número significativo de mulheres que migram de maneira independente ou como chefes de família; um incremento do número de pessoas que vivem e trabalham no estrangeiro sem regularização jurídica, um aumento do número de refugiados e asilados; um crescimento de migrações decorrentes de catástrofes ambientais e uma intensificação de movimentos migratórios temporários. Somam-se a tais aspectos a crescente multidirecionalidade que assumem os movimentos migratórios na atualidade, com o registro de deslocamentos entre países com distintas situações econômicas, e a intensificação da migração de retorno, como aquela registrada a partir de 2008 em países da América Latina em decorrência da crise econômica global.

No caso específico do Brasil, cabe lembrar que o país deixou de receber um fluxo significativo de imigrantes por várias décadas¹⁹, mas, a partir de 2008, começou a se tornar novamente opção de grupos migratórios diversos²⁰, em decorrência, principalmente, da crise econômica global que atingiu Estados Unidos e Europa e da realização, no país, de obras de infraestrutura relacionadas aos grandes eventos como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Dentre esses grupos migratórios, situam-se norte-americanos, espanhóis, portugueses, senegaleses e haitianos. O estudo realizado pelo Observatório das Migrações Internacionais mencionado anteriormente também destaca que a emergência da crise econômica mundial de 2007, em que os países emergentes não foram tão afetados como os chamados países desenvolvidos, foi um dos fatores responsáveis pelo aumento e diversificação dos fluxos migratórios para o Brasil, dentre os quais o de imigrantes haitianos

¹⁸ Em termos quantitativos, os movimentos migratórios contemporâneos vêm se intensificando desde a última década do século XX. Em 2013, relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU) apontava para a existência de 232 milhões de migrantes internacionais (3,2% da população mundial) e, se o crescimento se mantiver, a projeção é que este número alcance a cifra de 405 milhões em 2050.

¹⁹ O Brasil tem sido reconhecido, por um lado, como um país de emigração, a partir da intensificação do deslocamento de brasileiros para o exterior nos anos 90, especialmente para países como Estados Unidos, Japão, Portugal e Paraguai. Por outro lado, o Brasil constituiu-se historicamente também como um país de imigração que, entre o ano de 1819 e o final da década de 40, recebeu aproximadamente cinco milhões de imigrantes, principalmente italianos, portugueses, espanhóis, alemães e japoneses, assim como grupos menos expressivos numericamente como russos, austríacos, sírio-libaneses e poloneses (SEYFERTH, 2007).

²⁰ Vale mencionar que o Brasil sempre registrou a presença regular de imigrantes latino-americanos, dentre os quais argentinos, uruguaios, bolivianos, paraguaios, etc., alguns dos quais chegaram como exilados nos períodos das ditaduras do Cone Sul.

que passaram a ter presença permanente no país (CAVALCANTI; OLIVEIRA; TONHATI, 2014).

Se, em 2010, havia cerca de 960 mil imigrantes internacionais no país, esse número aumentou para 1,7 milhão em 2013²¹. Dados da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) da Presidência da República indicam que os cinco mil vistos de trabalho concedidos anualmente a estrangeiros, há 20 anos, aumentaram para 73 mil no ano de 2013²². Associa-se a isso o fluxo significativo de brasileiros que empreenderam projetos de migração de retorno de Portugal, Japão e Estados Unidos, como resultado, sobretudo, do crescimento do desemprego nesses países (COGO; BADET, 2013).

Nesse contexto, indagações em torno de um ideário de Brasil como nação mestiça e multicultural e sobre os fundamentos de sua política migratória retornam, nos últimos anos, ao debate público e midiático na medida em que o país volta a se posicionar como destino crescente de migrantes internacionais. O posicionamento como receptor de imigrantes tem colaborado para situar o Brasil na tensão concernente às migrações transnacionais no contexto do capitalismo global. Por um lado, as migrações em crescimento no país são valorizadas, já que a necessidade de mão de obra demanda a formulação de políticas migratórias pelo Estado brasileiro. Por outro, percebe-se a exigência de que o país assuma, a exemplo de outras nações, a necessidade de redução do excedente de mobilidade humana mediante políticas de controle migratório (MEZZADRA, 2012).

Enlaces Brasil-Haiti – antecedentes nas (re) significações de imigrantes haitianos

Se reconhecermos, conforme o propõe Sassen (2004), que pobreza ou desemprego não são marcos explicativos suficientes para a compreensão dos processos e motivações que desencadeiam os deslocamentos humanos em âmbito internacional, torna-se necessário especificar as dinâmicas econômicas e políticas dos processos de globalização capitalista que condicionam os caminhos tomados pelos fluxos de migração internacional e impactam as decisões individuais dos migrantes. Trata-se de caminhos que produzem e (re)atualizam

²¹ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/em-20-anos-remessa-de-dinheiro-de-trabalhadores-estrangeiros-ao-exterior-aumentou-10-vezes-13749063>>.

²² No entanto, a própria SAE reconhece que o percentual de 0,3% de imigrantes internacionais no Brasil é ainda muito inferior à média mundial de 3%, representando um fluxo de 6 milhões de pessoas. Nos Estados Unidos, a taxa está em 14% e no Canadá, 21,3%. Disponível em: <<http://www.sae.gov.br/site/?p=16816#ixzz2WCAREAtX>>.

enlaces entre os países de emigração e imigração para além, inclusive, das antigas vinculações coloniais.

Assim, a análise que propomos sobre as (re)significações sobre o Brasil como nação e como país de migração produzidas em redes de haitianos nos remete necessariamente aos enlaces geopolíticos entre Brasil e Haiti como antecedentes importantes dos fluxos migratórios de haitianos para o país. E, nesse sentido, também aos imaginários sobre a nação e a cultura brasileiras que, atravessadas por esses enlaces, vão sendo gestados no marco das interações sociocomunicacionais dos imigrantes haitianos, muitas das quais mediadas pelos usos das tecnologias da comunicação, como a internet.

Nessa perspectiva, a presença crescente da diáspora haitiana no contexto brasileiro não pode ser compreendida unicamente como decorrência de uma catástrofe ambiental, como o terremoto ou, ainda, de fatores econômicos, conforme aparece, de modo recorrente, em representações dessa nova imigração construídas e ofertadas pela mídia brasileira. Essa presença precisa ser analisada também a partir dessa existência de vinculações geopolíticas anteriores entre Brasil e Haiti que se constituem especialmente a partir da ação do exército brasileiro e de organizações não governamentais (ONGs), no Haiti, prévia e posteriormente ao terremoto. Em 2004, o exército brasileiro assumiu o controle das tropas da ONU no âmbito da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), passando a atuar, de modo permanente e também controverso, em áreas relacionadas à segurança, à infraestrutura, à estrutura do Estado e às garantias e liberdades democráticas²³. Após o terremoto, o exército brasileiro engajou-se igualmente nas ações de reconstrução do Haiti.

A presença da MINUSTAH tem sido polêmica e gerado uma série de questionamentos por setores da população haitiana e de organizações vinculadas a movimentos sociais e universidades no Brasil e no Haiti, tanto no que se refere ao caráter imperialista, gerador de violência e insegurança, que vem marcando o seu modo de atuar, assim como em relação à sua efetividade em favor da autonomia e reconstrução institucional e social do Haiti. Um desses questionamentos aparece na obra autobiográfica “Adeus, Haiti”, de Edwige Danticat (2010, p. 172), quando a autora retoma o episódio em que a colaboração entre a polícia

²³ Criada pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas em 30 de abril de 2004, a MINUSTAH é definida pela ONU por meio da resolução 1542 como uma missão de paz para restaurar a ordem no Haiti, após um período de insurgência e a deposição do presidente Jean-Bertrand Aristide. Os objetivos da missão são estabilizar o país, pacificar e desarmar grupos guerrilheiros e rebeldes, promover eleições livres e informadas, e constituir o desenvolvimento institucional e econômico do Haiti. Disponível em: <<http://www.un.org/en/peacekeeping/missions/Minustah/>>.

nacional haitiana e os soldados da MINUSTAH, no enfrentamento de gangues de um bairro do Haiti, teria provocado a morte de mais de oitenta pessoas durante protestos da população local. Ou, ainda, quando recorda a experiência de seu tio ao encaminhar aos integrantes da MINUSTAH uma denúncia sobre gangues que o ameaçavam no Haiti.

[...] Tomou outro táxi para a Villa Saint Louis. Na entrada, perguntou a alguns soldados camuflados onde poderia prestar uma queixa. Eles deram de ombros, pois não falavam crioulo ou francês. “Português” disseram, fazendo sinais para que fosse mais para dentro. Em contraste com Bel Air e a unidade antigangues, o hotel parecia extremamente luxuoso, com sua piscina e seu deque cheio de mesas com guarda-sóis. Antes dos ataques começarem, ele ouvira alguns dos seus paroquianos brincarem dizendo que os MINUSTAH eram na verdade TURISTAS, turistas numa exploração aventureira. Imaginou o que esses paroquianos diriam se pudessem ver esse hotel.

Haitianos entrevistados na pesquisa aqui focalizada enfatizaram, a esse respeito, que a opção pelo Brasil e não pelos Estados Unidos, para comandar a MINUSTAH, estaria relacionada à rejeição histórica, entre a população haitiana, da presença intervencionista norte-americana no Haiti e às vinculações afetivas e culturais dos haitianos em relação à nação e ao povo brasileiro.

Embora não deixe de avaliar criticamente a atuação polêmica da MINUSTAH, Rubem Cesar Fernandes, diretor da ONG brasileira Viva Rio, que atua no Haiti, lembra que a presença de brasileiros naquele país vem colaborando para o que o Brasil passe a integrar, de modo crescente, a consciência coletiva dos haitianos a partir do estreitamento de vínculos afetivos e simbólicos entre as duas culturas, relacionados principalmente a elementos como a origem africana comum, a música e o futebol.²⁴

Em um estudo acadêmico, realizado no final de 2011, com um grupo de 140 haitianos recém-imigrados para a cidade de Manaus, as expectativas sobre o que encontrariam no Brasil incluem “Encontrar trabalho e ter uma vida melhor”; “Ganhar dinheiro e mandar buscar a minha família”; “Melhorar as condições de vida”; “Receber em dólar”, “Encontrar trabalho rápido”; “Não sofrer com a miséria”; “Estudar e me formar”; “Conhecer as maravilhas que contavam do Brasil”; “Encontrar trabalho nas obras da Copa” (OLIVEIRA, 2011, p. 11). Nesse mesmo estudo, os pesquisadores destacam que os imigrantes mencionaram esperar que

²⁴ Disponível em: <<http://m.operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/19241/diaspora+haitiana+coloca+politica+imigratoria+brasileira+em+xeque.shtml>>. No ano de implantação da MINUSTAH, o ex-presidente Lula visitou o país juntamente com a seleção brasileira de futebol para a realização do “Jogo da Paz”, retratado no documentário “O Dia em que o Brasil esteve aqui”.

a Copa do Mundo de 2014 oferecesse vagas em quase todos os setores profissionais e que os salários fossem pagos em dólares durante este período. Em função disso, muitos haitianos se mostravam decepcionados com a baixa remuneração que estavam recebendo no Brasil.

São os processos de constituição desses imaginários nas interações sociocomunicacionais de imigrantes haitianos que abordaremos a seguir, a partir de dados da pesquisa que estamos realizando atualmente.

O Brasil (re)significado nas redes migratórias de haitianos: trabalho e relações raciais

Os deslocamentos populacionais, segundo já enfatizava Appadurai (2005, p. 31), seguem dinâmica similar a dos meios de comunicação, impondo-se como forças novas que incidem mais no plano do imaginário e menos no plano da técnica. Meios e migrações vêm criando, segundo o autor, deslocamentos específicos na medida em que os consumidores das mídias circulam simultaneamente às imagens em um cenário no qual nem a técnica nem o imaginário são passíveis de redução a circuitos ou a públicos locais, regionais ou nacionais. Nessa perspectiva, cabe lembrar, ainda, conforme sugere Taylor (2006), que a conformação dos imaginários sociais não deriva de elementos explícita e teoricamente construídos, mas de referentes que aparecem como supostos e como imagens subjacentes aos nossos processos de interação, podendo ou não ser expressos verbalmente. Dentre esses elementos, situam-se as lendas, mitos, histórias, estereótipos, preconceitos e tradições, ideais e fins considerados adequados para orientar a vida social. Como patrimônio de grupos de pessoas, os imaginários sociais são capazes de gerar, entre seus partícipes, um sentimento de legitimidade amplamente compartilhado (TAYLOR, 2006; TRAVERSO, 2007).

Embora o fenômeno das migrações transnacionais não seja novo, a reflexão de Appadurai (2005) chama a atenção também para o caráter recente da visibilidade pública e midiática atribuída aos imaginários sobre as migrações de massa (voluntárias ou impostas). As reflexões do autor sugerem que a justaposição dos movimentos migratórios aos fluxos acelerados de imagens, cenários e sensações difundidos pelos meios de comunicação pode se tornar provocadora de uma nova ordem de instabilidade na criação das subjetividades modernas.

Mais recentemente, essa relação entre mobilidade humana e cultura midiática, vislumbrada por Appadurai, a partir da perspectiva da comunicação massiva, vai se

reconfigurar a partir de um outro tipo de ambiência ou experiência social que vem sendo nomeada por autores como Castells (2010), como sociedade em rede. No âmbito dessa nova ambiência, as tecnologias digitais da comunicação assumem centralidade na constituição das sociabilidades, interações e imaginários sociais, comportando formas e dinâmicas de organização espaciais e simbólicas específicas no campo das subjetividades, como é o caso das migrações transnacionais.

No marco do que denomina de redes comunicacionais, Castells (2010) ocupa-se em enfatizar tanto o caráter comunicacional quanto a dimensão humana que assumem as redes nas dinâmicas da vida social. O autor define essas redes como estruturas comunicativas e pautas de contato criadas pelos fluxos de mensagens entre distintos comunicadores no tempo e no espaço, processando e fazendo circular fluxos de informação. “Nas redes sociais e organizativas, os atores sociais, promovendo seus valores e interesses e interagindo com outros atores sociais, estão na origem da criação e programação das redes” (p. 45).

Nos últimos anos, o conceito de rede social tem assumido relevância também para o estudo das migrações contemporâneas, a partir do reconhecimento de que as redes sociais preexistem e, muitas vezes, alimentam as redes migratórias (TRUZZI, 2008). No caso da diáspora haitiana, as experiências multiterritoriais em redes migratórias, que contribuem para impulsionar a própria migração para o Brasil, pode ser entendida, ainda, na perspectiva do que Guarnizo (2004) define como um amplo espectro de relações sociais, culturais, políticas e econômicas transfronteiriças que conectam os migrantes às suas sociedades de origem. Essas relações situam em primeiro plano a capacidade de agência dos migrantes e envolvem um ativo e dinâmico campo de intercâmbio social que afeta os atores (indivíduos, grupos, instituições) localizados em diferentes contextos nacionais e locais.

A diáspora haitiana no Brasil vai se dinamizar em torno da criação e manutenção de redes migratórias que operam no empreendimento e implementação dos projetos de migração, na decisão e escolha dos países para onde migrar, nos processos de instalação nos países de migração, na manutenção e recriação de vínculos com os lugares de origem, ou, ainda, nos processos de mobilização por direitos e cidadania nos percursos de migração. As redes colaboram, desse modo, para a reatualização de vínculos sociocomunicacionais entre Brasil e o Haiti e com integrantes da diáspora haitiana em diferentes espaços transnacionais.

Nessas dinâmicas, o consumo e usos das tecnologias da comunicação em redes migratórias, especialmente a internet e o telefone celular, funcionam como importantes

mediadores na manutenção e revitalização dos vínculos familiares no Brasil e Haiti. Os usos das tecnologias em redes possibilitam, ainda, aos haitianos a obtenção de suporte no percurso migratório, assim como o confronto entre as diferentes condições de imigração encontradas nos países que abrigam a diáspora haitiana no que se refere a ofertas de trabalho, níveis salariais, condições de moradia, sistemas de envio de remessas ao Haiti etc.

Os haitianos vivenciam, em rede, experiências de transnacionalismo que se aproximam daquelas conceituadas por Portes (2004, p. 74), quando assinala que, embora exista na história das migrações muitos exemplos de transnacionalismo, “o fenômeno recebeu um forte impulso com o advento das tecnologias na área dos transportes e das telecomunicações, que vieram facilitar enormemente a comunicação rápida das fronteiras nacionais e a grandes distâncias”. Se comparado com o passado, segundo o autor, os migrantes dispõem hoje de mais recursos tecnológicos para manter laços econômicos, políticos ou culturais com os países de origem. Este fato explica em boa parte, “a densidade e a complexidade atingidas pelo transnacionalismo imigrante contemporâneo, sendo, além disso, o responsável pela sua descoberta enquanto fenômeno merecedor de atenção acadêmica” (p. 74).

As experiências de transnacionalismos em redes migratórias possibilitam aos imigrantes haitianos a desestabilização de percepções sobre o Brasil como nação e como país de imigração relacionados a duas perspectivas que passamos a abordar a seguir: a do Brasil “como país de oportunidades” no mundo do trabalho; e a das relações raciais vinculadas às narrativas hegemônicas sobre a identidade nacional, o Brasil mestiço e a democracia racial.

O Brasil (re)significado nas experiências do trabalho

Se não é possível reduzir as causas dos movimentos migratórios exclusivamente a fatores econômicos e à busca do trabalho (as pessoas também migram por motivos como reunião familiares, formação, refúgio, busca de autonomia em relação à família, refúgio, asilo, etc.) o trabalho não pode ser desconsiderado como uma variável constitutiva das subjetividades migrantes e marcador do lugar social que esses migrantes vão ocupar nas sociedade para onde migram (CAVALCANTI, OLIVEIRA, TONHATI, 2014). No caso dos haitianos, é um marcador que vem sendo preponderante na construção dos discursos midiáticos sobre essa nova imigração e em representações que a própria a sociedade brasileira

e setores específicos dessa sociedade, com os empresariais e governamentais, vão construindo acerca desses novos imigrantes. Representações que aparecem expressas em enunciados como “os haitianos migram em busca de trabalho”, “os haitianos migram porque o Haiti não têm trabalho”, “os imigrantes haitianos estão tirando trabalho dos brasileiros”, “os haitianos são muito trabalhadores”, etc.

Conforme já foi mencionado, entre os novos migrantes internacionais, os haitianos são o grupo migratório com maior presença no mercado de trabalho brasileiro, além de constituírem também os que mais vêm gerando, a partir de seu trabalho, recursos enviados em forma de remessas para o exterior.²⁵ Considerando os 40 mil haitianos que vivem, atualmente, no Brasil, cerca de 80% deles economicamente ativos²⁶, o envio individual de remessas ao Haiti soma US\$ 200 ao mês, segundo dados do Banco Central. Somados os imigrantes haitianos remeteriam US\$ 6,4 milhões mensais ao país de origem. Uma quantia que somaria, em um ano, um total de US\$ 76,8 milhões - 5% do total de remessas externas recebidas pelo país²⁷.

O trabalho também tem sido um dos principais campos de mediação das pastorais, organizações de apoio às migrações que atuam no apoio e orientação aos migrantes no Brasil. Na missão Paz, onde funciona a Casa do Migrante em São Paulo, comparecem diariamente cerca de 15 empresas interessadas em contratar imigrantes, segundo afirmou o padre Paolo Parise, responsável pela Casa, em reportagem da Revista Labor. No primeiro semestre de 2014, 1.363 imigrantes que passaram pela organização foram contratados sob o regime celetista, grande parte deles oriundos do Haiti. A Missão Paz e a Cáritas explicam aos representantes das empresas a situação dos imigrantes em busca de uma colocação, assim como a obrigatoriedade de respeito aos direitos trabalhistas. As entidades verificam a situação jurídica das empresas, uma vez que os imigrantes encaminhados já têm a carteira de trabalho,

²⁵ No mês de junho de 2014, os imigrantes internacionais enviaram US\$ 111 milhões recebidos no Brasil aos seus países de origem. Em 20 anos, a remessa de dinheiro mensal de trabalhadores estrangeiros do Brasil para o exterior aumentou 10 vezes, segundo estatísticas do Banco Central. Ver <http://oglobo.globo.com/brasil/em-20-anos-remessa-de-dinheiro-de-trabalhadores-estrangeiros-ao-exterior-aumentou-10-vezes-13749063>

²⁶ Desde 2013, quase 25 mil carteiras de trabalho foram expedidas apenas para haitianos. Mais da metade delas só no primeiro semestre de 2014.

²⁷ O Haiti é o oitavo país mais dependente de remessas externas do mundo.

normalmente concedida antes da regularização migratória ou da aceitação da solicitação de refúgio²⁸ (SPINELLI, 2014, p. 34).

Essa relevância do trabalho na constituição das experiências migratórias para o Brasil pode ser percebida nos relatos dos haitianos entrevistados em nossa pesquisa, especialmente a partir do sentidos que produzem quando confrontam, em suas redes, as condições laborais e econômicas oferecidas pelo Brasil em relação a outras nações que abrigam a imigração haitiana. Ou, ainda, quando, em suas interações sociocomunicacionais, a ênfase recai nas condições laborais encontradas no Brasil que não correspondem às expectativas e qualificação profissional de que são portadores os imigrantes haitianos. Ou, de outra perspectiva, quando os imigrantes afirmam ter encontrado, no Brasil, as possibilidades de um tipo de inserção laboral que permite também o investimento em outros projetos, como o estudo.

Brasil é um país que não avança como Estados Unidos, como Canadá, mas eu acho que entre todos os países que avançam, que crescem um pouco, Brasil é um também, entendeu? Aí la gente, uno no tem possibilidade de chegar nos Estados Unidos, de chegar no Canadá. Possibilidade melhor foi de chegar no Brasil, e o povo do Brasil é muito carinhoso, um povo muito simpático, um povo muito educado, muito, como se diz, muito sabedoria, saber de tratar um estrangeiro no mal. Deus dá a possibilidade a sua família de sentar com a cabeça fria [...] e tomar uma decisão entre todos da sua família, entre irmã, irmão e mim, para a família escolher, que eu podia viajar. Aí compramos as passagens, ticket de avião, com uma visa de um ano [...]. Eu viajei de lá a Equador. E aí chegou aqui, (Haitiano, 37 anos, desempregado, entrevistado em Porto Velho-RO).

Porque tem muitos haitianos que vêm pra cá, mas tem muitos que já saíram do Brasil [...] tem gente que é advogado, medicina, enfermeira, e fala assim “enfermeira vai trabalhar na limpeza?” Tenho um amigo que é cardiologista e quando ele foi arrumar trabalho, alguma coisa no hospital, disseram pra ele que tem que estudar de novo. Ele falou “Por quê? Estudar dez anos por quê? Sou cardiologista. Por que estudar de novo?” Ele não foi estudar de novo, não. Ele, depois de três ou cinco meses, ele voltou na associação, foi pros Estados Unidos, [...] agora foi trabalhar nos Estados Unidos. Tem muita gente que não fica no Brasil por causa disso. Como quando a gente vem e tem que estudar de novo, fazer a mesma coisa. Por isso que tem muita gente que sai [...] (Haitiana, 19 anos, estudante e empregada em um supermercado, entrevistada em São Paulo-SP).

²⁸ Segundo a mesma reportagem da Revista Labor, o MPT no Acre enviou no início de 2014 ao MPT em São Paulo uma lista de empresas que haviam contratado haitianos diretamente em Brasília, considerada porta de entrada de haitianos no Brasil. Com base na lista, as empresas que trouxeram trabalhadores ao estado estão sendo investigadas para verificar se cumprem a legislação trabalhista. Além disso, representantes do MPT em São Paulo e Campinas vêm solicitando à Missão Paz listas das empresas que já contrataram imigrantes por meio do programa de mediação da entidade. O órgão pretende fazer audiências públicas com as empresas para verificar a regularidade das contratações (SPINELLI, 2014, p. 34).

[...] Sim, vai fazer três anos em novembro. Na verdade, o principal motivo foi falta de emprego. Isso é o principal motivo. Porque eu trabalhava lá, perdi o emprego depois do terremoto, e a gente tem que viver. Então a gente sai, o pessoal tá saindo, para conseguir oportunidade. [...] Porque na época o Brasil tinha uma porta aberta para os imigrante ainda, após o terremoto, que o país, eu posso dizer, ainda tá em uma situação bem difícil. Então a minha esposa também decidiu, né. Pra mim sair. Na verdade eu não queria sair, mas ela conversou comigo, me incentivou e eu decidi sair de lá. [...] Teve mudança sim. Porque lá primeiramente é um trabalho mais pesado, mas era exigente também. Aqui é um trabalho que eu tenho que me ajuda a continuar a estudar. Então é uma grande oportunidade porque eu posso estar trabalhando e posso ao mesmo tempo estudar um pouco também, quando não tem atendimento. Então esse trabalho vai me ajudar bastante no estudo. Porque lá a gente tinha que trabalhar 10 horas, direto, e aqui é um pouco mais tranquilo, porque precisa de um pouco de conhecimento pra orientar, né? Eu vou me virando também, a gente não é perfeito, mas tô buscando melhorar o meu trabalho, pesquisando sempre porque esse trabalho que eu tô fazendo, eu posso dizer que é relações internacionais. Porque tem a ver com todos os imigrantes, então tô trabalhando em cima disso (Haitiano, 25 anos, estudante e recepcionista do CRAS – Centro de Referência e Assistência Social, entrevistado em Lajeado-RS).

Brasil mestiço e democracia racial: (re)significações do Brasil como nação

Desde os primeiros movimentos migratórios para o Brasil, é possível verificar a existência de controle de fluxos de imigração no país associados ao ideal do imigrante branco e europeu com objetivo de que o Estado e os governos assegurassem o que o país supostamente necessitava, ou seja, “trabalhadores brancos e sadios, agricultores exemplares oriundos do meio rural europeu, com todas as ‘boas qualidades’ do camponês e do artífice, obedientes à lei, dóceis e morigerados, de moral ilibada, etc” (SEYFERTH, 2000). Dentre os europeus, eram considerados ‘indesejados’ grupos como refugiados, deficientes físicos, ciganos, ativistas políticos, velhos, comunistas e os condenados criminalmente. A construção simbólica da individualidade nacional ajudou a produzir, portanto, os preceitos de exclusão que marcaram a política migratória no Brasil.

Embora essa dimensão já não apareça tão evidenciada nos marcos das políticas migratórias brasileiras²⁹, a concretização dos projetos de migração para o Brasil se revela, entre os haitianos, uma experiência sociocomunicacional preponderante na relativização ou pluralização de imaginários unificados e excludentes sobre a nacionalidade brasileira, como aqueles ancorados em um modelo de mestiçagem relacionado às raízes africanas e a

²⁹ Ainda que não possamos esquecer a tendência dessas políticas a selecionar imigrantes ditos qualificados.

elementos como carnaval e futebol. Isso assume maior ênfase nas experiências daqueles imigrantes que se instalam em estados do sul do Brasil, onde as matrizes do branco e europeu tiveram hegemonia na constituição das sociedades e da culturas locais.

A experiência cotidiana dos imigrantes haitianos na ocupação de espaços públicos ou na disputa por postos de trabalho, colabora também para a relativização do Brasil como país da democracia racial e para a percepção sobre as especificidades das relações raciais e dos racismos no novo contexto de imigração. Os relatos de haitianos entrevistados em nossa pesquisa ilustram essas dinâmicas.

De verdade, lá fora as pessoas conhecem Brasil como país de alegria, de futebol, de turismo, de pessoas alegres. É um sonho de todo mundo conhecer o Brasil, do lado de futebol. Quando vejo a seleção tá jogando, ver a alegria das pessoas que estão no estádio, é bem legal. Não sabia se a gente pode ia ter essa oportunidade de ver um dia o Brasil, conhecer as pessoas. Só que quando cheguei aqui no Brasil, tem coisas que ficou um pouco diferente. Eu não sabia que dentro do Brasil tem pessoas diferentes, como alemão, italiano, que fala um dialeto de alemão [...] Não sabia que tem pessoas brancas, como loiras aqui. Afora a gente vê as pessoas tipo mais moreno, tipo de São Paulo, mas quando eu cheguei aqui e vi as pessoas com olhos azuis, mas isso não é o Brasil! E não sabia também que tinha lugares que têm frio assim. Quando falam do Brasil só penso no calor, do futebol, não sabia que tem brasileiros que não sabem jogar futebol. (Haitiano, 24 anos, empregado em fábrica de Usinagem, Zinagem e Fundição, entrevistado em Feliz-RS)

[...] Quando eu tava de manhã (na escola), eu achei ruim, porque tem gente que faz racismo pra mim. Eu não sei de nada, gente que faz racismo pra mim só porque sou preta, sou negra? E não falo nada pra eles. Pra eles da sala. Estudo sempre pra passar, não venho à escola por ninguém, mas pra buscar uma inteligência que é mais do que eu tenho. Eu estudo bastante, estudo e depois eu consigo... eu entrei na escola no segundo ano, nunca tirei nota vermelha, nunca tirei nada. A mais pequena nota que eu tirei é sete, mas depois do sete é oito, nove, dez. O inglês e história, história mesmo, história do Brasil, igual história da França que a gente estuda lá. Aqui química a mesma coisa, biologia a mesma coisa, só a língua que muda. Nunca tive nota vermelha. Eu passei, tô no terceiro... (Haitiana, 19 anos, estudante e empregada em um supermercado, entrevistada em São Paulo-SP).

Narrativas sobre o Brasil como país de imigração em espaços da internet

Ao se ocupar da imigração haitiana, através de uma composição de vozes dos haitianos e de outros atores e instituições vinculados ao universo migratório, a mídia brasileira vem colaborando para construir e afirmar publicamente essa nova imigração como realidade e propor modos de vivenciá-la como alteridade, constituindo-se, portanto, como uma ambiência

em torno da qual passaram a se mover a imigração haitiana e a sociedade brasileira que passou a conviver com os haitianos. Em consonância com o que Silverstone (2002) denomina de “textura social da experiência”, para refletir sobre a nossa impossibilidade de escapar à presença e representação midiáticas, não podemos desconsiderar como os imigrantes se movem entre os espaços midiáticos que os enunciam, mas também para além deles, em uma dinâmica de fluxos para dentro e fora da mídia, porém invariavelmente impactados, de algum modo, por sua presença.

Assim, esses fluxos comunicacionais se constituem também de iniciativas em que os próprios haitianos, suas redes e organizações se tornam narradores de suas experiências migratórias através também do consumo e uso das tecnologias para a criação e produção de espaços comunicacionais próprios em redes sociais, blogs, sites, etc., ou da simples utilização de recursos como webradio, e-mail, listas de discussão, etc.

Essas iniciativas devem ser entendidas nas suas vinculações com questões e problemáticas derivadas dos enfrentamentos cotidianos dos imigrantes com o imbricado e complexo universo das políticas brasileiras de regulação e controle migratórios. No Brasil, a legislação que regula as migrações - a Lei do Estrangeiro – está em vigor desde os anos de 1980, período da ditadura militar, e tem sido fortemente criticada por associações migratórias e organizações de apoio às migrações por seu caráter contrário à proteção dos direitos humanos, prevista tanto na Constituição brasileira de 1988 como em diversos acordos internacionais ratificados pelo Brasil, especialmente no que se refere à universalização de direitos fundamentais a imigrantes não documentados.

Além disso, os requisitos e a burocracia para regulação migratória no Brasil são extensos, com exigências que condicionam essa regularização à disponibilidade de renda, qualificações profissionais e necessidades do mercado de trabalho nacional, privilegiando, de modo predominante, a imigração de trabalhadores orientada aos setores formais da economia. Além disso, com o crescimento das migrações, a legislação migratória brasileira tende a privilegiar a imigração seletiva dos chamados trabalhadores qualificados em áreas em que há carência desses profissionais, como Engenharias, Medicina, etc. (COGO, BADET, 2013; BARALDI et al., 2013).

Há, ainda, um conjunto de trâmites a serem enfrentados, pelos imigrantes, para a revalidação de diplomas e de carteiras de habilitação, transferências de remessas e alterações nos vistos de trabalho, assim como para a busca de moradia e abertura de contas bancárias. O

documento provisório - denominado de ‘protocolo’- que atesta a concessão do visto de residência aos imigrantes até o recebimento do documento definitivo (Registro Nacional de Estrangeiros), frequentemente é desconhecido por bancos e alguns órgãos públicos, gerando dificuldades para tramitação de documentos e outros procedimentos referentes à cidadania civil e jurídica dos imigrantes (BARALDI et al., 2013). Agrega-se a isso a dificuldade de obtenção de informações claras sobre a documentação necessária para regularização a ser apresentada à Polícia Federal, organismo responsável pela concessão de vistos de residência aos imigrantes internacionais no Brasil.

Além da lógica investigativa e de combate à criminalidade que marca a atuação da Polícia Federal no País, o atendimento que o órgão presta aos imigrantes, especialmente em grandes centros urbanos, como São Paulo, tem se mostrado precário, a partir, por exemplo, da terceirização de funcionários que não têm recebido um treinamento suficiente para a compreensão do imbricado processo de regularização dos imigrantes. O que vem colaborando para a atuação de serviços de “despachantes”, ou seja, atravessadores que cobram para agilizar a tramitação dos processos de regularização e solicitação de vistos dos imigrantes (BARALDI et al., 2013).

Nesse cenário, as redes e associações de imigrantes e as organizações de apoio às migrações têm funcionado como instâncias de informação, esclarecimento e atualização sobre os processos de regularização migratória através, inclusive, da produção e distribuição de materiais informativos e midiáticos (boletins, blogs, sites, etc.) que orientam os imigrantes sobre os procedimentos para regularização. Muitas dessas organizações têm apoiado diretamente os imigrantes no encaminhamento da documentação junto à Polícia Federal, sendo comuns iniciativas por parte da própria Polícia Federal de encaminhamentos a essas organizações de imigrantes, que têm dificuldades com o manejo da documentação e dúvidas sobre o funcionamento dos processos de regularização.

As narrativas produzidas, a partir dos usos das internet pelos imigrantes haitianos, se combinam a essas instâncias já existentes para gerar redes de apoio e intercâmbio em torno da busca de informações e compreensão das políticas brasileiras de regulação e controle migratório, ou, ainda, para a produção de espaços de sociabilidades. Nessa perspectiva, usos da internet por parte diáspora haitiana no Brasil têm sido engendrados também no contexto de um associativismo migrante de caráter mais formal que começa a ser gestado, por exemplo, através da constituição de um comitê para organizar a estadia dos haitianos recém-chegados

na cidade de Tabatinga (SILVA, 2013) e, posteriormente, com a criação da Associação de Haitianos no Brasil, com sede na mesma cidade. A associação mantém um perfil no Facebook chamado “Imigrantes Haitianos no Brasil”.³⁰

Ainda no Facebook, os haitianos se fazem presentes na comunidade “Haitiens au Brésil”³¹ e em grupos como “Universitários haitianos que vivem no Brasil”³², “Imigração Haitiana no Rio Grande do Sul”,³³ “Haitianos no Brasil (Oficial)”³⁴, “Haitianos no Brasil”³⁵, “Imigração Haitiana no Rio Grande do Sul”³⁶, “Haitianos, Esperança Cordeiro”³⁷ “Associação dos Trabalhadores Haitianos em São Paulo”³⁸. Esses espaços comunicacionais são ocupados com a postagem e compartilhamento de conteúdos sobre vistos de permanência concedidos regularmente aos haitianos pelo governo brasileiro, dúvidas e esclarecimentos sobre direitos, políticas e processos de regularização migratórias, iniciativas de realização de cursos de português e eventos sobre migração, ofertas de trabalho, reportagens sobre a imigração haitiana no Brasil produzidas pela mídia, produções culturais e musicais de haitianos que vivem no Brasil, etc.³⁹.

Outra iniciativa no Facebook é “O que mídia não mostra do Haiti”,⁴⁰ perfil criado por um estudante haitiano, entrevistado na cidade de Porto Alegre, que sugere um posicionamento crítico frente a imagens midiáticas de pauperização e vitimização do Haiti e dos haitianos que se tornaram dominantes na mídia brasileira após o terremoto naquele país.

Outra experiência, recolhida em nossa pesquisa, é a de outro estudante haitiano, também entrevistado na cidade de Porto Alegre, que relatou fazer uso da internet para

³⁰ <https://www.facebook.com/profile.php?id=100003391554097>

³¹ <https://www.facebook.com/ayisyenbrazil?fref=ts>,

³² <https://www.facebook.com/groups/b.claudy/?fref=tsEsses>.

³³ <https://www.facebook.com/groups/155010571310643/?fref=ts>

³⁴ <https://www.facebook.com/groups/422618107840577/>

³⁵ <https://www.facebook.com/groups/388444191264376/>

³⁶ <https://www.facebook.com/groups/155010571310643/>

³⁷ <https://www.facebook.com/groups/1618017641757054/>

³⁸ <https://www.facebook.com/groups/494845847243547/>

³⁹ Esses espaços são ocupados não apenas por imigrantes, mas por outros atores e instituições vinculados ao universo das migrações em geral e da imigração haitiana, como integrantes de pastorais, organizações de apoio às migrações, pesquisadores, etc.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/O-que-a-m%C3%ADdia-n%C3%A3o-mostra-do-Haiti/348040275278695?fref=ts>

participar como uma espécie de correspondente no Brasil de um programa sobre a diáspora haitiana, nos idiomas francês e crioulo. O programa é veiculado em uma rádio africana sediada na França que difunde informações, notícias e músicas orientadas à diáspora haitiana em diferentes partes do mundo⁴¹.

Em março de 2014, os haitianos fizeram uso da internet para realizar uma conferência online⁴² em preparação à I Conferência Nacional de Migração e Refúgio (COMIGRAR), promovida pelo governo brasileiro, em São Paulo, no mês de maio de 2014. Iniciativa da Associação dos Imigrantes Haitianos no Brasil, a conferência levantou propostas apresentadas posteriormente na I COMIGRAR. As propostas levantadas foram sistematizadas em três eixos: igualdade de tratamento e acesso aos serviços; direitos, inserção social, econômica e popular; e abordagem de violação de direitos e meios de vinculação e proteção.

Recentemente, foi criado, ainda, o site <http://haitiaqui.com/>, uma iniciativa da ONG Viva Rio, que atua no Haiti. Produzido em português, francês e creole, o site é apresentado como:

O Haiti Aqui quer ajudar você a se integrar na sociedade brasileira. Este é um projeto do Viva Rio que oferece informações e orientações sobre documentos e processos administrativos. Você também encontra ofertas de emprego e cursos de capacitação. O programa "Voz do Haiti" transmitido pela Rádio Viva Rio é interativo e apresentado em diversos idiomas. Qualquer dúvida você pode entrar em contato através do chat online ou enviar um email.⁴³

Considerações finais

A análise desenvolvida nesse texto visou refletir sobre as interações sociocomunicacionais mediadas pelas tecnologias em redes migratórias de haitianos no Brasil. Na perspectiva de compreender algumas (re)significações produzidas pelos haitianos sobre o Brasil como nação e como país de imigração, buscamos oferecer pistas de um projeto de pesquisa em andamento sobre as especificidades dessas (re)significações relacionadas ao universo do trabalho e das relações raciais.

⁴¹ O programa é produzido e transmitido pela rádio Tongolo. Disponível em: <<http://www.radio-tongolo.com/>>.

⁴² A conferência desenvolveu-se na plataforma da COMIGRAR: http://www.participa.br/comigrar/conferencia-virtual-da-associao-dos-imigrantes-haitianos-no-brasil-aihb#.U2QooPldVQF_A autora do artigo participou da conferência com sugestões extraídas de dados da pesquisa focalizada nesse texto.

⁴³ Disponível em: <<http://haitiaqui.com/br/quem-somos>>.

Contemplamos, ainda, mais em nível descritivo do que analítico, algumas experiências de criação, pelos imigrantes haitianos de espaços comunicacionais próprios na internet para a produção e compartilhamento de narrativas em torno de suas sociabilidades e dinâmicas de enfrentamento das políticas migratórias brasileiras.

Esse conjunto de interações e enunciações, a partir dos quais os imigrantes, com apropriações das tecnologias, (re)significam o Brasil como nação e país de imigração, oferecem-nos elementos para a compreensão dos processos de interação e demandas de cidadania desses novos imigrantes que escolheram o país como destino.

Nessa perspectiva, são também interpeladoras da sociedade, Estados, governo e instituições brasileiras, em torno de uma ética intercultural e humanitária que reconheça e assegure direitos sociais, culturais, econômicos e políticos no contexto do Brasil como nação constituída na diversidade cultural e que volta a se posicionar globalmente como país de imigração.

Referências

APPADURAI, A. **Après le colonialisme**: les conséquences culturelles de la globalisation. Paris: Éditions Payot & Rivage, 2005.

AUDEBERT, C. La diaspora haïtienne: vers l'émergence d'un territoire de la dispersion? In: CÉLIUS, Carlo A. (Dir.). **Le défi haïtien**: économie, dynamique sociopolitique et migration. Paris: L'Harmattan, 2011. (Horizons Amérique Latine).

BARALDI, C. et al. Informe Brasil. In: GAINZA, P. (Ed.). **Políticas migratorias e integración en América del Sur** - Realidad del acceso a derechos políticos, económicos, sociales y culturales de las personas migrantes. Espacio sin Fronteras/CDHIC, 2013. Disponível em: <http://www.cdhic.org.br/wp-content/uploads/2013/06/Informe-Políticas-Migratorias-América-do-sul.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2013.

BLANCO, C. **Migraciones**: nuevas movilidades en un mundo en movimiento. Barcelona: Anthropos, 2006.

CASTELLS, M. **Comunicación y poder**. Madrid: Alianza Editorial, 2010.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, A. T.; TONHATI, T. (Orgs.). A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. **Cadernos do Observatório das Migrações Internacionais**, Brasília, 2014.

Disponível em:<

[file:///C:/Users/Denise_Lenovo/Downloads/Relatorio%20Parcial%20A%20inser%C3%A7%C3%A3o%20dos%20imigrantes%20no%20mercado%20de%20trabalho%20brasileiro%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Denise_Lenovo/Downloads/Relatorio%20Parcial%20A%20inser%C3%A7%C3%A3o%20dos%20imigrantes%20no%20mercado%20de%20trabalho%20brasileiro%20(2).pdf)>. Acesso em: 25 nov. 2014.



- COGO, D. Haitianos no Brasil: comunicação e interação em redes migratórias transnacionais. **Chasqui** - Revista Latinoamericana de Comunicación, Quito, n. 25, p. 23-32, marzo 2014. Disponível em: <<http://www.revistachasqui.com/index.php/chasqui>>. Acesso em: 30 nov. 2014.
- COGO, D.; BADET, M. **Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores:** migrantes no Brasil. Bellaterra: Institut de la Comunicació-UAB/Instituto Humanitas – Unisinos, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/3255909/COGO_Denise_BADET_Maria_Guia_das_Migra%C3%A7%C3%B5es_Transnacionais_e_Diversidade_Cultural_para_Comunicadores_-_Migrantes_no_Brasil_Bellaterra_InCom-UAB_IHU_2013>. Acesso em: 30 nov. 2014.
- DANTICAT, E. **Adeus Haiti**. Rio de Janeiro: Agir, 2010.
- FERNANDES, D. et. al. **Estudo sobre a migração haitiana ao Brasil:** diálogo bilateral. Brasília: GEDEP – Grupo de Estudos Distribuição Espacial da População Programa de Pós-graduação em Geografia/PUC Minas CNIG/OIM/MTE, 2014.
- GALEANO, Eduardo. La maldición blanca. **Jornal Buenos Aires**, Buenos Aires, p. 12, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.chilehaiti.cl/docs/galeano2004.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2012.
- GUARNIZO, L. E. Aspectos económicos del vivir transnacional. **Colombia Internacional**, n. 59, p. 12-47, jun-enero 2004. Disponível em: <http://colombiainternacional.uniandes.edu.co/view.php/429/index.php?id=42>. Acesso em: 11 dez. 2013
- GUBER, R. **El salvaje metropolitano**. Reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo. Buenos Aires: Paidós, 2004.
- MEZZADRA, S. Capitalismo, migraciones y luchas sociales. La mirada de la autonomía. **Nueva Sociedad**, Buenos Aires. n. 237, p. 159-178, enero-feb. 2012.
- OLIVEIRA, M. **Haitianos em Manaus:** tabulação dos resultados da pesquisa. Manaus, 2011. (Texto com resultados parciais de pesquisa cedido pela autora).
- PORTES, A. Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 69, p.73-93, 2004.
- SASSEN, S. Formación de los condicionantes económicos para las migraciones internacionales. **Ecuador Debate**, Quito, n. 63, p. 63-87, 2004.
- SEYFERTH, G. **Imigração no Brasil:** os preceitos de exclusão. 2000. Campinas: SBPC/LABJOR Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/migracoes/migr03.htm>. Acesso em: 08 jun 2012.
- SEYFERTH, G. Os estudos da imigração no Brasil: notas sobre uma produção multidisciplinar. In: SEYFERTH, G. et al. **Mundos em movimento:** ensaios sobre migrações. Santa Maria: UFSM, 2007.
- SILVA, S. A. da. Aqui começa o Brasil. Haitianos na Tríplice Fronteira e Manaus. In: SILVA, S. A. da (Org.). **Migrações na Pan-Amazônia**. São Paulo: Hucitec/FAPEAM, 2013.
- SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.
- SPINELLI, A. C. Força de trabalho imigrante. **Labor-** Revista do Ministério Público do Trabalho, Brasília, v. 2, n. 5, p. 33-36, 2014.
- TÉLÉMAQUE, J. **Imigração Haitiana na mídia brasileira:** entre fatos e representações. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2012. Monografia (Graduação Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- TAYLOR, C. **Imaginários sociais modernos**. Barcelona: Paidós, 2006.



TRAVERSO, E. **El pasado, instrucciones de uso:** historia, memoria, política. Barcelona/Madrid: Marcial Pons, 2007.

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.

XIMENES, D.; ALMEIDA, G. Brasil de volta ao imaginário de imigrantes. **Labor-** Revista do Ministério Público do Trabalho, Brasília, v. 2, n. 5, p. 26-32, 2014.

WINKIN, Y. **A nova comunicação:** da teoria ao trabalho de campo. Papirus: Campinas, 1998.

Denise Cogo – Escola Superior de Propaganda e Marketing –
ESPM. São Paulo | SP | Brasil. Contato: denise.cogo@espm.br

Artigo recebido em novembro de 2014 e
aprovado em dezembro 2014.